



VOLVO/DIVULGAÇÃO

Dispositivos de segurança de três pontos são mais seguros que os subabdominais, que não protegem tronco dos ocupantes

## Frio rigoroso deu origem ao pré-tensionador

● A eficiência dos cintos aumentou com os pré-tensionadores. Esses dispositivos ajudam a impedir que os ocupantes do veículo se desloquem para a frente em caso de colisão.

A tecnologia surgiu na Europa e Estados Unidos. Os invernos rigorosos levam as pessoas a vestir roupas volumosas, e com isso o cinto ajustado sobre os casacos ficava com folga em relação ao corpo dos passageiros. O pré-tensionador veio para eliminar essa folga, contraindo o cinto contra o corpo e aumentando a segurança.

O dispositivo é ativado por um sensor mecânico, elétrico ou pirotécnico – o mesmo que ativa os air bags do veículo. A desaceleração provocada pelo impacto ativa o sensor, que enrola o cinto para dentro, deixando o passageiro mais preso contra o banco do carro.

No Brasil, a tecnologia ganhou espaço na última década. Atualmente, todos os modelos têm o recurso na dianteira.

# Proteção para todos a bordo

Pouco comum no País, uso do **cinto de segurança** no banco traseiro é vital e obrigatório por lei

**Thiago Lasco**

thiago.lasco@estadao.com

O Fiat Doblò em que o contador Gustavo Sarmiento voltava de uma viagem com outras cinco pessoas foi atingido na lateral em uma ultrapassagem. Ele estava sentado no banco traseiro, sem cinto de segurança, e foi jogado para fora do carro. Entre fraturas e cicatrizes, levou seis meses para se recuperar.

Histórias como essa, infelizmente, são muito comuns. O uso de cinto de segurança por todos os ocupantes do veículo é exigido por lei – sua falta é infração grave, com multa de R\$ 127,69 e cinco pontos na

# 46%

dos passageiros de trás não usam o cinto na estrada. Na cidade, a abstenção é maior: 93%

CNH do condutor. Ainda assim, muitos brasileiros não se conscientizaram da importância do dispositivo também pelos passageiros que vão atrás.

De acordo com dados da Associação Brasileira de Medicina de Tráfego (Abramet), 46% das pessoas que ocupam o ban-

co traseiro no País não usam cinto de segurança. Já em deslocamentos urbanos, esse índice salta para alarmantes 93%.

O próprio Sarmiento admite que, mesmo após o acidente, demorou para mudar de postura. “Pensava que isso só fazia diferença para quem viaja na frente. Só adotei o hábito quando morei na Espanha, onde o dispositivo é consolidado.”

Chefe do departamento de medicina de tráfego ocupacional da Abramet, Dirceu Rodrigues Alves Júnior diz que há uma ilusão de que o encosto do banco dianteiro protege o passageiro de trás. A verdade, porém, é que a falta do cinto traz riscos a todos a bordo.

## REDUÇÃO DE DANOS

O cinto de três pontos previne 40% das lesões de abdome, 45% das de tórax, 56% das de cabeça, 70% das de coluna vertebral e 100% das de quadril, segundo informações da Abramet.

“Em uma colisão, a traseira do carro sobe e empurra o ocupante para cima e para frente. Seu corpo se choca com o do passageiro da frente, podendo causar lesões na coluna vertebral, paraplegia e até morte. Isso quando a pessoa não é arremessada do veículo”, descreve.

Viajar sem cinto e deitado no banco traseiro é ainda mais perigoso. “Na horizontal, o corpo pode sobrevoar as cabeças dos ocupantes dos bancos dianteiros. E o risco de ser ejetado do veículo é maior”, alerta Alves.

Na cidade, onde os veículos andam mais devagar, o risco de acidente não diminui. Por isso, o uso do cinto é tão importante quanto na estrada.

“Muitos taxistas não exigem que o passageiro use o cinto e até embutem a peça sob o banco. O motorista, de praça ou particular, é responsável pela segurança de todos os ocupantes do veículo e deve cobrar a utilização do dispositivo antes de sair com o carro”, diz Alves.